

HÁBITOS SEDENTÁRIOS

Nunes da Rocha

XII

E disse

«Dá-me uma hora entre quatro paredes

E terás a lesma — palavra na borda da chávena

O fio de cuspo na janela comum

Verás um homem com uma agulha nos olhos

Os lábios brancos

Como um suicídio em rima pobre

Supõe que chegámos a este quarto

Com aluguer de memória no serviço

Supõe um modo único de despedida

Sem naperons ou devoluções

Tão pouco inconveniências de bidé

Supõe ainda um esquecimento consentido

Destinado ao aterro

Em desmedida violência só porque sim

Coração míope e pedra no coração

E será outra a biografia ao nascer do dia»

Ainda disse

XIII

Chegámos aqui de óculos escuros, ventres inchados

Prestes à consolação

Em obediência aos panfletos

E às promessas esquecidas

Do alto absoluto para o absoluto esquecimento

Na quase coincidência

Ou quase evidência do cascalho derredor

Com a dormência dos pequenos cadáveres

De um lado a carne desprendida

Do outro a maçada de não chegarmos a horas

Culpa e silêncio confortável

Serão a última ceia num dialecto invisível ou

Mais confortável ainda

Posfácio a dispensar índice num cais onde os comboios

São navios parados

Sem vento

Sem terra no mar

XIV

Digo

Soubesse o que me esperava

E a certeza de te olhar seria como uma chuva

Sobre morada injusta

 No caminho deixando breves recados

 Minúsculas doenças

Na infame maneira de regressar a casa

Jurei ser poeta de canivete no bolso

 Com a maldade escondida

Pronto a um destino sem dignidade

 Como laranja esquecida

Capaz de uma dor fora de horas

 Ou álcool inacabado

À primeira chuva

Um rato ou talvez a parede subtil

Repartiram os ténues versos

De súbitas indecências

Nunes Da Rocha, Amadora, 2014